

Fernando Molica

Viradouro: apito contra a mesmice

Estrelada pela homenagem, Mestre Ciça, a comissão de frente da Viradouro derrubou um modelo que, de tão competente, sincronizado e ensaiado, ficara previsível mesmo em suas infinitas surpresas. Como diria Rita Lee, enredo da Mocidade, a escola de Niterói arrombou a festa.

Foi como se, antes de chegar ao Sambódromo, a Viradouro tivesse passado pelo bairro vizinho do Estácio, tomado algumas cervejas, lições e passes para, na Avenida, gritar e provar: “Deixa falar, eu sou o samba”.

Os componentes que abriram o desfile agiram como se atores dos revolucionários grupos de teatro Oficina, Opinião ou Arena invadissem o palco do sofisticado Teatro Brasileiro de Comédia. Não entraram em cena para brigar com os talentosos medalhões, apenas para lembrar ser preciso manter e renovar a chama original da festa.

A Viradouro emulou a também vermelha e branca São Carlos/Estácio para falar do samba de sambar criado ali pertinho e consagrado na Praça Onze, onde fica o terreirão da Sapucaí. Como Paulinho da Viola em seu “Bebadosamba”, a escola de Niterói chamou por Ismael Silva, Bide, Bicho Novo, Heitor dos Prazeres, Dominginhos do Estácio, Luiz Melodia, Gonzaguinha. Num boteco do Largo do Estácio, Aldir Blanc, entre um copo de cerveja e um conhaque, abençoava, olhos cheios d’água, a reunião.

De lá, eles embarcaram no trenzinho do caipira que levou a Estácio ao título de 1992; no caminho, passaram na estação Nilópolis para pegar os antigos e ilustres passageiros Selminha e Claudinho.

O carnavalesco Tarcísio Zanon e o enredista João Gustavo Melo não fizeram um manifesto contra o atual modelo das escolas de samba, nem criticaram o formato

high tech das comissões de frente. Apenas lembraram que o samba está no princípio — e no meio, no fim e no recomeço.

Um samba que, trazido da Bahia, por aqui ganhou outros jeitos e formatos, separou águas e terras, o sol das estrelas, mudou os tempos; de uma barrica fez uma cuíca, de outra, um surdo de marcação. E, bum bum patiumbum prugurundum, Ismael viu que era bom.

Foi nesta fonte que a Viradouro bebeu para homenagear Ciça. Fez um desfile brilhante com um enredo que parecia difícil de ser realizado, dada a dificuldade de traduzir em alegorias e fantasias o trabalho de um mestre do ritmo. A grande sacada foi ir além do homenageado, cria do Estácio, onde vive até hoje.

O enredo fez de Ciça a personificação dos que vieram antes, dos que estão por aqui e dos que virão. A Viradouro poderia colocar um bailarino ou ator para representá-lo na comissão de frente, alguém que imitasse seus gestos, torná-los mais enfáticos.

Mas a escola foi mais ousada. Ao colocá-lo na frente, em carne e ossos (o apelido dele é Caveira), a Viradouro optou pelo Ciça como ele é — e o cara fez uma performance inesquecível, correu, regeu a plateia, sambou, mostrou ser mestre também com os pés. Ciça provou ser melhor que uma representação dele mesmo.

É comum que, de tempos em tempos, um desfile sirva de alerta para outras escolas, rompa com uma tendência de mesmice. É natural que experiências bem-sucedidas sejam replicadas, mas há sempre um momento de esgotamento, e alguém tem que, nessa hora, apitar. Foi o que a Viradouro fez. Simples, criativa, com os pés no chão, sem qualquer efeito especial, sua comissão de frente apitou e deu o tom do desfile, propôs uma nova afinação. O nosso samba, minha gente, é isso aí.

Tales Faria

Perigosa justiça de exceção contra tentativas de estado de exceção

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), é um herói nacional. Graças a seu pulso firme, a democracia brasileira sobreviveu a uma tentativa de golpe de estado promovida por setores militares e empresariais poderosos com o objetivo de instaurar o estado de exceção no país.

É isso que o inquérito e o processo judicial comandados por ele no STF acabaram comprovando.

Tudo começou quando Moraes foi designado pelo então presidente do STF, José Antonio Dias Toffoli, como relator do inquérito 4781, conhecido como inquérito das fake news. Tinha o objetivo de apurar a origem de ataques e notícias falsas contra o Tribunal e seus integrantes.

Havia uma evidente articulação para enfraquecer o Judiciário, num momento em que o então presidente da República, Jair Bolsonaro (PL), e seus seguidores defendiam uma interpretação do artigo 142 da Constituição que permitiria aos militares fechar o STF, substituir seus ministros e instaurar o estado de exceção no país.

Palmas para Alexandre de Moraes e para o STF a quem, naquele momento, a sociedade permitiu até a aplicação de regras jurídicas excepcionais no combate a quem pretendia instaurar o estado de exceção no país. Mas é preciso cuidado.

Nesta terça-feira, 18, Alexandre de Moraes determinou medidas cautelares contra funcionários públicos suspeitos de vazar “dados sigilosos de ministros” do STF, do procurador-geral da República, Paulo Gonet, e familiares.

O ministro pediu a quebra dos sigilos bancário, fiscal e telemático - telefones, aplicativos, emails e quaisquer serviços em nuvem dos investigados.

Foram imediatamente divulgados seus nomes: o auditor da Receita Ricardo Mansano de Moraes, o funcionário do Serpro cedido à Receita Luiz Antônio Martins Nunes, e os técnicos do INSS cedidos à Receita Luciano Pery Santos Nascimento e Ruth Machado dos Santos.

Suspeita-se que, entre os vazamentos, possa estar o contrato de R\$ 129 milhões do Banco Master com o escritório de advocacia de Viviane Barci de Moraes. Ela é esposa de Alexandre de Moraes.

Trata-se, então, de uma atuação dura do ministro sobre suspeitos de atacar sua família. A pergunta que fica é se ele não deveria preservar o STF e a si mesmo, passando o encargo a outro ministro.

Num passado recente, a sociedade permitiu que Moraes utilizasse regras excepcionais contra a tentativa de estabelecer um estado de exceção no país. Mas mesmo na época da abertura do inquérito das fake news causou polêmica o fato de ter-se iniciado de maneira excepcional, sem a solicitação de uma autoridade policial, ou de órgãos como o Ministério Público e a Procuradoria-Geral da República.

O problema é que as exceções, uma vez estabelecidas, tentam se impor sobre as normas. E, muitas vezes, aqueles autorizados a atuar excepcionalmente acabam se acostumando com as exceções.

É a isso que Alexandre de Moraes, Dias Toffoli e tantos outros ministros do Supremo precisam estar atentos: o que foi um poder excepcional não pode se estabelecer como regra. O Tribunal é Supremo, mas seus ministros não são, nem podem ser.

Toffoli sentiu na pele essa regra de ouro e acabou obrigado a pedir afastamento de uma maneira quase vexaminosa.

Pablo Mendonça*

Saúde digital em 2026: quando tecnologia deixa de ser discurso e vira cuidado real

Em 2026, já não faz sentido tratar a digitalização na saúde como uma promessa futura. Ela deixou de ser tendência e passou a ser base estrutural do cuidado, influenciando diretamente a forma como médicos, gestores e pacientes se relacionam com o sistema de saúde. A pergunta central já não é mais se devemos adotar tecnologia, mas como usá-la de forma inteligente para melhorar desfechos clínicos, eficiência operacional e, sobretudo, a experiência humana no cuidado.

Os dados mostram que a infraestrutura básica está, em grande parte, construída. Segundo o Censo Nacional das Unidades Básicas de Saúde de 2025, mais de 94% das UBS já contam com acesso à internet e cerca de 87% utilizam prontuário eletrônico. Na prática, isso significa que a atenção primária já opera em ambiente digital, criando condições reais para coordenação do cuidado, continuidade de clínica e decisões mais qualificadas. No âmbito federal, plataformas como o Meu SUS Digital avançam na integração de dados e ampliam o acesso do cidadão às próprias informações de saúde, sinalizando que a agenda pública caminha para consolidar um ecossistema digital mais integrado e funcional. Conectividade, hoje, não é diferencial. É pré-requisito.

Esse movimento não acontece apenas no Brasil. O mercado global de saúde digital vive uma fase de amadurecimento acelerado. De acordo com a Fortune Business Insights, o setor deve alcançar cerca de US\$ 491 bilhões em 2026, com projeção de ultrapassar US\$ 2,3 trilhões até 2034, impulsionado por taxas de crescimento superiores a 20% ao ano. Esse avanço vai muito além da telemedicina ou dos prontuários eletrônicos. Ele é sustentado pela incorporação da inteligência artificial aos fluxos clínicos, pelo avanço real da interoperabilidade, pelo uso de analítica preditiva no cuidado e pela expansão dos dispositivos de monitoramento remoto. Essas tecnologias deixaram de ser experimentais e passaram a sustentar decisões clínicas, gestão de risco e eficiência operacional.

Nesse cenário, o papel da liderança se torna decisivo. Não há transformação digital sem gestores que compreendam que digitalizar não é apenas implantar sistemas, mas melhorar decisões com dados confiáveis, no tempo certo. Reduzir burocracias libera os profissionais para o que realmente importa: o cuidado com o paciente. A interoperabilidade deixa de ser apenas uma exigência técnica e passa a ser um fator competitivo e de gestão de risco. E o uso de inteligência artificial exige maturidade, com governança de dados, segurança cibernética e processos claros para validar decisões automatizadas. Tecnologia sem confiança não sustenta cuidado.

Na HSMED, essa visão faz parte da estratégia há anos. A digitalização nunca foi tratada como vitrine, mas como meio para organizar processos, integrar informações, dar escala à operação e aumentar a previsibilidade da gestão do cuidado sem perder qualidade. Na prática, isso se traduz em decisões clínicas mais seguras, fluxos mais integrados, consultas mais ágeis e crescimento sustentado por eficiência e coordenação.

Fica cada vez mais evidente que organizações de saúde não fracassam por falta de tecnologia, mas por falta de articulação entre tecnologia, gestão e cultura. Saúde inteligente exige maturidade organizacional, clareza de propósito, governança de dados, capacitação contínua das equipes e decisões orientadas por evidência, não por modismo. É isso que diferencia quem apenas digitalizou processos de quem, de fato, conseguiu transformar tecnologia em cuidado real.

***Pablo Mendonça é autor, consultor, mentor e CEO na HSMED**